

*O GRUPO COMO MÉTODO**

*Lazslo Antonio Ávila***

Grupo é uma palavra equívoca. Entendemos por grupo: *a)* uma reunião de pessoas, ou de objetos; *b)* um agregado organizado de indivíduos; *c)* um conjunto sistemático e constante de relações; *d)* uma comunidade de interesse ou objetivos; *e)* um aglomerado casual e momentâneo de pessoas, etc...

Por grupo psicológico entendemos: um certo número de indivíduos que mantém contatos pessoais, cara a cara, durante um certo tempo, e em função de certos objetivos. Desenvolvem, durante o tempo de sua interação, um certo número de códigos, de referências e de tradições e, principalmente, configuram uma totalidade ou unidade, diferenciada de qualquer outro conjunto, e reconhecida por cada um de seus membros.

Ao observarmos a Sociedade, ou melhor, ao observarmos as formações sociais concretas, constatamos que todos seus movimentos e acontecimentos são reproduzidos a partir de conjuntos de indivíduos, intermediados pelas Instituições, que são as formas estruturadas das relações sociais. Nunca é o indivíduo isolado a causa da ação social; é sempre o indivíduo como membro ou agente de um grupo ou Instituição que conduz, junto e por causa de outros indivíduos, qualquer acontecimento social.

O Indivíduo só existe na Sociedade, quando se encontra inserido em alguma de suas subestruturas, que lhe darão todo o referencial e o sentido para seu comportamento. Esta inserção do indivíduo processa-se em duas vias: *a)* para o interior da personalidade, constituindo de fora para dentro tudo aquilo que o indivíduo é: seus valores, seus sentimentos, seus ideais; e *b)* para o exterior do indivíduo, em seus relacionamentos e em sua atuação social.

* Esse texto era a matriz teórica de uma parte dos trabalhos com grupos desenvolvido em Osasco, pela equipe da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da qual o autor fazia parte, em intervenção de Psicologia Social Comunitária, nos anos de 1981 a 1984. Observar-se-á que ele se propõe como um instrumento de trabalho, uma base conceitual para a ação do profissional psicólogo junto às populações desfavorecidas, visando a Saúde Mental e a melhoria da qualidade de vida. Foi feita uma atualização, e anexados dois novos capítulos, com vista à publicação.

** Psicólogo, mestre e doutor pela Universidade de São Paulo, professor-adjunto da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP, membro do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e da ABPAG – Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupos. Autor de: “Doenças do Corpo e Doenças da Alma” (São Paulo: Escuta, 1996), e “Isso é Groddeck” (São Paulo: EDUSP, 1998).

Assim sendo, Grupo é uma palavra equívoca, mas uma realidade inequívoca; quer consideremos o indivíduo isolado, em seu momento de maior intimidade, ou ao contrário, o indivíduo em ação e em relação, sempre podemos constatar a presença e o efeito múltiplo das outras pessoas sobre cada indivíduo em particular e em cada um de seus atos¹. É em grupo que o homem percebe-se como homem e passa a agir de uma forma pautada e reconhecida pelos outros; é em grupos que o homem compartilha da vida de seus semelhantes; e, finalmente, é em grupo que o homem aprende que é igual aos outros, mas é único seu ser-este-homem-em-particular. Sem o grupo, não existiria Identidade, é preciso haver outros, com quem se tem algo em comum, para ser-se um. Antes da Identidade, vem a 'idem-tidade'. Idem = assim como o outro.

Porém, são muitos os grupos na sociedade, diversas são as estruturas coletivas que interligam o homem com o conjunto dos homens. A mera expressão Grupo, embora verdadeira, não é exata: são muitas as configurações que podem tomar os agrupamentos humanos, e é quando observamos que as estruturas, os regulamentos, as ordenações, os lugares, etc., têm mais importância do que os indivíduos e suas subjetividades; aí é quando prevalecem as Instituições, ao invés dos grupos. As Instituições são o reinado dos mortos sobre os vivos (a expressão é de A. Comte), são as ações passadas determinando os acontecimentos do presente. O indivíduo não é só determinado pelos Outros, ele é determinado pelas relações passadas e presentes entre instâncias supra-individuais, corporificações de indivíduos, mas já sem feição ou interações humanas. As Instituições representam as formas históricas que assumiram as relações entre os homens, e principalmente, a dominação que alguns impuseram aos restantes. Esta dominação, para perpetuar-se, necessita reproduzir-se continuamente, e o faz por intermédio das Instituições, a sociedade necessita continuamente reinventar-se, trazendo para o interior das relações sociais esclerosadas nas Instituições as forças vivas dos grupos instituintes (Ver: Lapassade, *Grupos, Organizações e Instituições*, 1977, Lourau, Gavarini, Savoye & Lapassade, *Sócioanálisis y Analisis Institucional*, 1977).

A base última e a garantia das Instituições é dada pelo Estado, instituição-mor que retém para si todo o poder de instituir as regras, regulamentos, agrupamentos e quaisquer outras ações na sociedade. É o Estado que assegura e promove a perpetuação das condições de vida dos diversos grupos e classes sociais, e é, portanto, contra o Estado que acabam por vir dar todos os movimentos sociais que buscam transformar as condições de funcionamento da sociedade. É compreendendo o papel do Estado e seu poder de controle e coerção,

¹ Veja-se, a propósito, os extraordinários primeiros parágrafos do trabalho seminal de Freud, *Psicologia de*

disseminado e multiplicado nas Instituições, que os grupos adquirem um instrumento de organização e procuram recuperar a sua capacidade instintiva. Este é o aspecto estratégico do trabalho com grupos.

Analisar grupos é fazer ressaltar as estruturas determinantes dos acontecimentos inter-individuais. Estas estruturas são de natureza tanto psíquica quanto social, e é preciso fazer emergir os condicionantes do comportamento, decifrando sua origem e seus efeitos para que nova orientação possa ser assumida pelos grupos. É preciso descobrir aquilo que organiza os grupos para que estes possam se auto-organizar. Para isso se propõem as análises psicológica e institucional de seu funcionamento.

A 'TÉCNICA' DO TRABALHO COM GRUPOS

Todo grupo apresenta:

- uma estrutura,
- uma dinâmica,
- uma meta ou finalidade,
- um sistema de comunicação, interior e exterior,
- uma forma de vinculação com outros grupos.

Todas estas 'qualidades' dos grupos emergem e consolidam-se ao longo de sua duração, ou seja, são um produto da história de cada grupo. Consideraremos *Grupo* aquele momento em que um agrupamento de pessoas toma consciência de que, juntas, formam um conjunto e passam a orientar o seu destino comum. *Grupo* é uma referência em comum, uma identidade compartilhada e um projeto coletivo para o futuro².

Normalmente, o *Grupo* só emerge quando um grupo já se reúne há muito tempo. Será *Grupo* aquele agrupamento de pessoas que, em dado momento, assumir conjuntamente um significado ou uma tarefa em comum. É só a partir deste momento que podemos verificar sua conformação, estudar suas regularidades e ocorrências, observar o comportamento de seus membros e de todo o conjunto e desvendar as redes de determinações que regulam a vida e o funcionamento de cada grupo concreto.

A - A Estrutura dos Grupos

las Masas y análisis del Yo (1973), p. 2563-2564.

² A base metodológica que propúnhamos estruturava-se fundamentalmente na concepção dos Grupos Operativos, conforme: Pichon Rivière, E., *El proceso grupal*, 1975.

Entendemos por estrutura a *totalidade* do grupo e a forma como esta totalidade interfere em cada uma de suas partes. A totalidade do grupo é o número total de *relações* que ocorrem no grupo, relações entre pessoas, entre processos, entre funções, etc.. As partes da totalidade grupo são os fatos, causas ou processos tomados isoladamente.

A estrutura do grupo divide-se em duas instâncias: uma de natureza inconsciente e fundante, e outra que é visível e manifesta - o comportamento do grupo em sua inter-relação de indivíduos ou de processos.

Começemos pela instância inconsciente, que é a mais importante e de mais difícil tradução. Manejaremos aqui conceitos extraídos da Psicanálise freudiana que, aplicados à análise de grupo, mantém toda sua significação³. O primeiro desses conceitos é justamente o de Inconsciente. Todo grupo humano apresenta uma matriz inconsciente: os motivos, da ordem do 'Desejo' que fundam as formações grupais, porque é sempre o Desejo que causa a busca do outro, é Eros quem, na sua expansão promove a interligação das pessoas. A força básica que forma os grupos é, assim, erótica - buscamos o grupo para satisfazer nossos desejos.

Uma vez constituído o grupo, a força de coesão que o manterá é o afeto entre os membros e a importância atribuída ao objetivo comum que, por sua vez, também tem uma significação inconsciente.

Todo grupo se organiza fazendo uma distribuição de funções entre seus participantes. Estas funções dizem respeito basicamente a dois aspectos: 1) a finalidade que o grupo se propõe; 2) a economia afetiva do grupo. Para a realização dessas funções, o grupo cria uma rede de *papéis*. Os principais papéis que observamos nos grupos são: o de líder, o de sabotador, o de bode expiatório, o de porta-voz e o de cooperador. Os mecanismos que atuam na criação e na manutenção dos papéis grupais são a projeção, a introjeção e a identificação.

O comportamento manifesto dos indivíduos e dos subgrupos dentro dos grupos, ou seja, a segunda instância da estrutura grupal, é sempre função da estrutura inconsciente da rede de papéis. É ela quem determina de fato a forma como se dão os acontecimentos grupais.

³ Há uma extensíssima literatura, em contínuo desenvolvimento desde a década de 50, que organizou, sistematizou e embasou teoricamente as ações de profissionais que investigam psicanaliticamente os grupos. Bion, 1970, Bach, 1958, Foulkes e Anthony, 1967, Pichon Rivière, 1975, Kâes, 1976, são alguns desses pioneiros.

B - A Dinâmica dos Grupos

A dinâmica dos grupos é a atuação de todos os indivíduos em relação à tarefa do grupo e aos outros participantes. Tal atuação dá-se em função do papel que o indivíduo ocupa e do momento que o grupo atravessa.

A dinâmica é, assim, o resultado de dois eixos: 1) a estrutura do grupo com sua história, e 2) a situação atual vivida. Cada acontecimento no interior do grupo tem potencialmente a capacidade de alterar sua conformação, e por isso são desenvolvidos diversos mecanismos que visam manter a coerência e a homogeneidade do grupo, e a repetir ou promover a sua história. Este processo pode ser plástico ou rígido, e observamos diferentes dinâmicas em função do grau de maleabilidade que os grupos apresentam. Um grupo muito rígido cai na estereotipia e na ineficiência, cristalizando sua rede de papéis e impedindo o crescimento de seus membros e a realização de seus propósitos e projetos, conscientes e inconscientes.

O trabalho psicológico atua na dinâmica dos grupos, porém, visando atingir sua estrutura. Para tanto, cria uma situação especial que pretende favorecer as trocas e a comunicação, e tenta romper os obstáculos que mantêm o grupo paralisado na ineficiência ou na patologia.

C - A Meta ou Finalidade dos Grupos

Um dos fatores principais que levam à organização dos grupos é o estabelecimento de metas ou finalidades. Pela formulação de seus objetivos é que os grupos configuram sua tarefa.

A tarefa subdivide-se em dois planos: um latente e outro manifesto. A tarefa manifesta diz respeito aos procedimentos adotados pelo grupo para alcançar suas metas. Assim, fazem parte da tarefa manifesta: a distribuição de funções, os instrumentos ou técnicas adotados, a cooperação entre os participantes, etc.. A tarefa latente refere-se aos objetivos inconscientes do grupo. É a tarefa latente que organiza a rede de papéis e é ela que, em última instância, possibilita ou impede que se concretize a tarefa manifesta.

Os grupos vivem quando têm um projeto e realizam sua existência trabalhando em suas tarefas. A tarefa que mais importa para todos os grupos é vir a constituir o Grupo em um instrumento adequado para a realização das necessidades de seus integrantes. Assim, a meta dos grupos é criar Grupos.

D - O Sistema de Comunicação dos Grupos

A comunicação é o elemento essencial para tornar possíveis as relações entre os homens. Relacionar-se é comunicar-se, e vice-versa. Nos grupos, a comunicação é o dado mais imediato para observarmos a dinâmica e a realização do projeto grupal. Quem fala, o que fala, para quem fala e como fala, são os dados iniciais que permitem fazer uma primeira 'leitura' da organização do Grupo.

A comunicação estabelece-se sob a forma de uma 'rede', ou um 'sistema'. Os participantes dos grupos dividem-se de uma maneira desigual quanto à emissão de mensagens. De modo geral, quanto maior é a emissão de mensagens, mais central é o lugar que o indivíduo ocupa. Desta forma, o sistema de comunicação do grupo revela-se como expressão da rede de papéis que o grupo configurou. Isto, porém, de uma forma dinâmica e não mecânica, pois as mensagens qualificam-se pela sua pertinência em relação ao grupo, e reconheceremos os postos da rede de papéis principalmente pelo conteúdo daquilo que é veiculado.

O sistema de comunicação opera em dois planos: um interno e outro externo ao grupo. Detectamos muitos elementos da estrutura e da dinâmica dos grupos quando estudamos a forma e o sentido daquilo que é comunicado dentro do grupo e do que é comunicado em seu 'exterior'. Constatamos, então, que todo grupo cria 'sua' linguagem, seu próprio código de referência e significações e uma particular visão de mundo.

E - As Formas de vinculação com Outros Grupos

Nenhum grupo consegue ser totalmente autônomo e desvinculado do contexto social em que está inserido. Devemos, porém, observar diferentes graus de independência no *continuum* que vai da completa subordinação até a quase total autonomia. Os grupos não flutuam no espaço social, eles estão determinados pela malha de relações que os situam em relação à Produção, ao Consumo e à Distribuição, ao Sistema Jurídico, ao Estado, à Família, etc..

As instituições são o substrato dos grupos. Desde antes da formação de um grupo, cada um de seus integrantes já traz dentro de si um conjunto de normas, pautas e valores, que são a interiorização daqueles socialmente dados. Assim, o Grupo, de início, deixa-se orientar pelos critérios e normas que regem as instituições, e só gradualmente vai

conseguindo configurar uma ‘cultura’ própria: amálgama das vivências anteriores de seus participantes com as novas normas e valores que emergem durante a sua história.

Os grupos caminham de uma condição original de *grupos-objetos* (Ver: Guattari, F. *Psicoanálisis y Transversalidad*, 1976), em que há uma completa identificação com objetos e métodos alheios ao grupo e o centro de decisões fica exterior a seus membros, a uma situação de *grupos-sujeitos*, em que uma identidade grupal se define e elabora-se um projeto próprio de inserção no mundo.

É somente na condição de *grupo-sujeito* que um grupo pode relacionar-se satisfatoriamente com outros grupos, sem descaracterizar-se e sem submeter-se, e, com isso, participar da luta comum pela transformação das condições vigentes na vida social.

GRUPOS E VÍNCULOS

Passemos agora a uma descrição de algumas das características estruturais que definem os grupos humanos. Qualquer grupo que haja conquistado uma certa permanência no tempo, a ponto de ter podido gerar uma história, apresenta certos traços distintivos: a) a emergência de uma “identidade”; b) o surgimento de uma específica dinâmica grupal, com padrões interativos próprios àquele grupo; c) uma particular forma de redes comunicacionais; d) o aparecimento de uma “ideologia” grupal própria; e) o estabelecimento de normas, regras, modos de operação e de procedimentos que configura, em seu conjunto, uma “cultura grupal” própria; f) uma rede de “papéis”, passível de ser descrita tanto em suas propriedades individuais, como na sua articulação em um “script” grupal; g) objetivos, finalidades e projetos grupais modelando uma “locomoção” própria a este grupo específico e h) conformação de um “destino”, com nascimento, vida e morte do grupo.

O dado fenomenológico mais imediato para apreendermos um grupo é verificando com os próprios membros do grupo o “que”, ou “quem” eles consideram o grupo. Em todo grupo psicológico há a emergência de um sentimento de identidade, forma-se a figura lingüística de um “nós”, que caracteriza para os membros do grupo uma idéia de totalidade, de distintividade entre aqueles membros e quaisquer outras pessoas ou processos. Assim o grupo gera como uma “membrana”, que envolve seus membros e cria para eles um ambiente “intra-grupo”, que se distingue do ambiente externo “extra-grupal”. O que dá esta distintividade é um fator puramente psicológico: os membros do grupo se “reconhecem”. Uma identidade individual nasce conjuntamente com a identidade grupal. O grupo dá a seus participantes uma condição de pertencer.

Podemos então comparar a identidade grupal com a figura de uma célula, envolta, protegida, delimitada e configurada por sua “membrana”.

Definido o “interior” do grupo, passam a se dar acontecimentos interativos, o que pode ocorrer também de forma inversa: as interações é que podem desenhar os limites do grupo. Ambos os processos se complementam. Os diferentes membros buscam-se entre si, e estabelecem um conjunto de trocas significativas. Idéias, sentimentos, projetos, expectativas, sensações, percepções, fantasias e ações são emitidas, recebidas e respondidas em uma sucessão que vai ganhando história. Os padrões bem sucedidos vão se fixando e correlações exitosas de pensamentos, sentimentos e ações mútuas “desenham” a dinâmica grupal. É como se fossem trilhas em uma floresta, uma vez criadas, por ali circularão mais e esse processo aprofundará as trilhas. Algumas serão abandonadas, outras consagradas pelo uso. A dinâmica grupal é a resultante observável da história das interações.

A mais importante das interações humanas é troca de significações através da linguagem. Observamos nos grupos a conformação de redes comunicacionais, que serão aquelas formações de pares, díades, trios, quartetos, etc., que comunicarão entre si os aspectos acima referidos, mas em estrutura comunicacional complexa. Serão linhas, nódulos, figuras geométricas abertas e fechadas, onde os membros do grupo expressarão sua possibilidade de comunicação elegendo seus pares e montando uma estrutura de vinculações. Podemos compará-las a “canais” de comunicação, podendo ser abertos, fechados, múltiplos, etc..

Com as redes comunicacionais e a dinâmica interativa em ação, elaboram-se determinados produtos. Um deles é a ideologia grupal: conjunto das crenças, expectativas e modelos de ação de cada membro, quando atua no grupo. Pichon Rivière (1975) a denomina E.C.R.O, ou seja, Esquema Conceptual, Referencial e Operativo, que cada membro possui, e que emerge da dinâmica grupal. A ideologia é elaborada pela interação grupal e por sua vez, modela a ação de seus membros.

Mais geral que a ideologia é a “cultura grupal”, que a engloba e que representa a totalidade dos “compartilhados” grupais: as experiências trazidas pelos membros, e trabalhadas pelo convívio grupal, as seqüências interativas, com todos os fatos, situações e produtos do relacionamento interpessoal, tudo isso sedimentando-se em um fundo comum de experiências, de onde emergirão para serem re-trabalhadas no aqui-e-agora do grupo. Utiliza-se o termo “cultura” no sentido antropológico e etnológico, para significar a totalidade simbólica que organiza a vida mental de um grupo humano em particular, dando-lhe os instrumentos conceituais e atitudinais para a ação em sua realidade social.

No âmbito dos grupos a cultura grupal costuma estabelecer para cada um de seus participantes um determinado “papel”, caracterizado como um conjunto definido de traços e expectativas de comportamentos, que confere um perfil próprio para cada membro. Tais papéis

dependem de inúmeros fatores, como a história prévia do indivíduo, a história do grupo, a tarefa a que o grupo está voltado, etc.. Regulando os papéis grupais, pode-se deduzir um esquema de referências comum, um roteiro que combina as posições individuais e dá um sentido de conjunto para os papéis. Trata-se do “script” grupal, e ele possui tanto uma dimensão consciente, quando outra, estrutural, inconsciente.

As tarefas, objetivos e projetos grupais também se realizam nos planos consciente e inconsciente. Os grupos comportam-se como organismos em relação à temporalidade: nascem no momento em que se delinea a sua identidade, crescem configurando sua rede de papéis, sua circulação comunicacional, desenvolvem sua ideologia e sua cultura, realizam seus projetos e fins e também morrem, finalizam e desfazem-se. Sua existência simbólica perdura como a memória dos membros individuais e nas marcas deixadas no ambiente extra-grupal, enquanto projetos e ações sociais dos grupos.

FREUD E OS GRUPOS

Em um texto imprescindível para quem pretenda trabalhar com grupos, “*Massenpsychologie und Ich-analyse*, publicado em 1921, cuja melhor tradução seria “Psicologia das Massas e Análise do Ego”, Freud lançou a pedra fundamental do trabalho analítico com grupos. Na extraordinária “Introdução”, em meros quatro parágrafos, Freud postula a impossibilidade conceitual de descrever fenômenos mentais, sem fazer referência direta à existência do “outro”. Afirma:

“O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que a primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se como o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.” (Freud, 1992, p. 91)

Observa-se que, para o criador da Psicanálise, a psicologia social engloba a psicologia individual, na medida em que o homem é permanentemente um ser de relação e que a distinção entre ambas é, assim, muito mais uma questão semântica do que epistemológica. O Homem, como objeto de investigação, é uma individualidade quando se o recorta para análise, mas em seu funcionamento psíquico, atitudinal, em suas ações e reações no ambiente, ele é permanentemente

um entre outros, um ser no mundo. A psicologia individual é, ao mesmo tempo, psicologia social – assim nos diz Freud.

Uma observação importante diz respeito ao título desse texto freudiano. O título original em alemão é: *Massenpsychologie und Ich-analyse*, o que deixa claro que Freud pretendia discutir a questão da Psicologia das Massas, em relação às possibilidades de análise do Ego, desenvolvidas pela Psicanálise. Existe em alemão um vocábulo equivalente a “grupo”, mas o que se evidencia é que Freud pretende lidar com os fenômenos inconscientes que se manifestam em um nível muito primitivo de funcionamento. Tomando por base o importante trabalho de Gustave Le Bon, que descreveu os movimentos da massa revolucionária francesa nos anos tormentosos que se seguiram a 1791, a análise freudiana discute os mecanismos da psique coletiva, e irá propor descrições dos fenômenos identificatórios que dão nascimento aos líderes de massa e, correlativamente, à própria massa. Assim o título da obra em português, que acompanha a proposta do editor inglês, James Strachey, “Psicologia de Grupo”, embora tome um aspecto atrativo, se desvia do sentido original proposto por Freud. No entanto, de fato esse texto apresenta-se como germinal para os trabalhos com grupos, pois destaca os elementos fundamentais a todo trabalho em grupo.

Do mesmo parágrafo citado é ainda importante destacar a seguinte idéia: *“Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente”*. É interessante que Freud tenha levantado apenas essas quatro possibilidades. O texto em espanhol não diz “Algo mais”, mas “Un otro”, o que nos conduz à seguinte formulação: na mente de cada indivíduo está impresso o “outro”, não de forma secundária, como um produto do desenvolvimento individual, sendo antes o “um” e depois o “um em relação ao outro”. Na visão freudiana, com a única possível exceção dos estados mentais autísticos, há sempre a presença do “outro”. Então, porque Freud levanta as opções de “modelo”, “objeto”, “auxiliar” e “opponente”, sem um etcetera? Podemos hipotetizar que Freud está aqui introduzindo o Complexo de Édipo, em sua dimensão estrutural, como núcleo da personalidade de cada indivíduo. No Édipo, as primeiras vivências na relação com a mãe organizam as relações de objeto, e assim o primeiro “objeto” é aquele que possibilita a estruturação inicial do psiquismo. Objeto constituinte, que oferece sua subjetividade como suporte de constituição da subjetividade do bebê. Nas relações familiares, organizam-se os outros papéis: o pai emerge como o “adversário”, os irmãos como “auxiliares”, e à medida que avança o processo de elaboração, emergem os componentes identificatórios, que permitem que o “outro” se constitua também como “modelo”.

É a questão da Identificação que Freud privilegiará em sua análise dos grupos. No capítulo 7 da “Psicologia das Massas”, Freud afirma que a identificação é a primeira forma das relações de objeto e “desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (Freud, 1992, p. 133).

Ao invés da sugestão, que Le Bon sustentara como a origem do laço social, Freud vai propor a identificação como a origem das vinculações que se estabelecem entre os membros de uma massa. Os diferentes indivíduos se irmanam e se confundem, porque o mecanismo da projeção coletiva de seus Ideais de Ego em um mesmo objeto, faz com que todos estejam de fato compartilhando uma mesma instância psíquica. Assim, a identificação nasce de um processo comum a diferentes indivíduos, a mesma projeção, a mesma eleição de objeto, como matriz identificatória.

Retomando seu texto de 1912, “Totem e Tabu”, Freud vai lançar no passado mítico da história humana, sua conjectura de que “O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego.” (Freud, 1992, p. 191). A massa é a revivescência da horda primitiva. Os mecanismos que possibilitam as identificações são estruturas arcaicas da mente, que no entanto se atualizam pela ontogênese do complexo de Édipo de cada indivíduo. O líder “ressuscita” o pai primevo. Não é sem razão que esse texto de Freud tem servido para as análises do nazismo e do fascismo e, pós-modernamente, nas análises sobre a comunicação de massas.

Em um texto recente sobre grupos, encontramos a caracterização do papel da identificação na sustentação dos mecanismos grupais:

“El problema de la integración del outro y de los otros en el psiquismo individual, hace indispensable la consideración de la intersubjetividad y de la transubjetividad en la constitución de la subjetividad.” (...) *“La identificación es, pues, un mecanismo, un proceso y un resultado que possibilita y evidencia la interiorización de experiencias vinculares del sujeto.”* (Segoviano & Kordon, in: Bernard, Puget, Segoviano e & Kordon, 1995, p. 127).

O texto de Freud, como dissemos, é a pedra fundamental para uma investigação analítica dos grupos. Com ele podemos passar a considerar o grupo não como um fenômeno secundário da condição humana, um acréscimo a algo que já estaria dado na própria natureza humana, e sim, como origem, matriz, forma organizadora da experiência mental humana. Calcado em estruturas arcaicas, o psiquismo humano é moldado e modelado em relações vinculares. O Édipo é a forma que tomam estes vínculos no psiquismo de cada um. Seu destino é, como a Psicanálise o articula, o trajeto de cada homem em suas relações com os demais.

TRABALHANDO COM A COMUNIDADE

Retomando e sintetizando o que foi dito até aqui, será esboçado um modelo de atuação ‘de grupo’ junto à população desfavorecida.

Os grupos apresentam uma importância muito grande, do ponto de vista psicológico, pois constituem-se em rede de sustentação para as Individualidades. Pode-se dizer que o

Grupo é a matriz da Identidade e que o verdadeiro *habitat* do indivíduo são os outros indivíduos.

De outro lado, os grupos também têm grande importância do ponto de vista sociológico. A inserção do indivíduo na sociedade nunca se dá de forma direta, mas sempre intermediada pelos grupos e pelas instituições. As instituições cumprem um papel de perpetuação das estruturas e relações sociais dominantes, e os grupos são a força viva que pode transformar estas condições. Os Grupos, porém, encontram-se dispersos, mal organizados, sem identidade e sem projeto.

A população oprimida, sem trabalho, sem saúde e desagregada, não consegue fazer, com base em suas necessidades comuns, um delineamento político de sua situação e buscar a organização necessária para transformá-la. Não consegue também dar uma contextura adequada para as necessidades psicológicas dos indivíduos, e daí derivam, em uma urdidura complexa de fatores históricos-econômicos-políticos-antropológicos, as neuroses, o alcoolismo, a criminalidade, e outros “sintomas” que contribuem para desorganização e a falta de projetos coletivos.

Os grupos têm a potencialidade de virem a ser instrumentos para a concretização das necessidades fundamentais de seus membros; para isso, contudo, necessitam superar sua condição de grupos-objetos, submetidos às determinações institucionais, e assumir um papel ativo diante da realidade.

O trabalho com a comunidade parte desses pressupostos. O objetivo principal do trabalho é proporcionar e desenvolver a formação de grupos dentro da comunidade. As finalidades ou objetivos desses grupos serão estabelecidos pelos próprios participantes que, assim, determinarão qual será a tarefa do grupo. Muitas são as necessidades da população oprimida, e qualquer uma delas pode servir de base para que um grupo se constitua. Delimitado um objetivo, o trabalho do psicólogo concentra-se em mobilizar a estrutura grupal, tornando-a flexível o suficiente para que a dinâmica resultante torne o grupo capaz de pensar e agir.

Costuma-se dizer que o trabalho do psicólogo parte de demandas, entendidas como o conjunto de motivos, conscientes e inconscientes, que levam alguém a buscar auxílio para seus problemas. Isto é verdadeiro, entretanto, devemos acrescentar que, na população oprimida, a demanda é diretamente a vivência da carência, e que, na maior parte das vezes, esta população não sabe determinar o que é (qual o serviço, qual profissional, etc.) que ela busca. É por isso que o trabalho psicológico deve partir de uma discussão ampla que,

mediante a troca de experiências, leve a uma pauta comum de necessidades e expectativas, e só então faça uma oferta de serviços compatíveis com esta demanda já discriminada.

A população carente busca a solução de seus problemas. Formam-se grupos na comunidade com o objetivo de levar cada um desses grupos a reconhecer-se como também responsável pela manutenção de sua condição de oprimido, e capaz de mobilizar recursos e instrumentos para buscar suplantá-la. Evidentemente, isso não quer dizer que a histórica opressão de classe seja superada pela mera grupalização. Mas é a partir dela que um dos elementos primários da opressão, o consentimento inconsciente, cai por terra. Nos grupos que pensam a si mesmos, os problemas recebem uma nova problematização, e dela emerge o grupo como sujeito que busca suas próprias soluções.

As questões principais vividas pela população oprimida costumam estar envoltas por uma bruma de interpretações ideológicas e de racionalizações psicológicas, que impedem estes indivíduos de formular conjuntamente seus problemas e descobrir na sua auto-organização o meio para determinar o seu lugar na sociedade.

O trabalho psicológico pode auxiliar este processo da seguinte forma:

- Em primeiro lugar, é preciso constituir o Grupo. Se na comunidade já existir alguma forma organizada de grupalização, deve-se partir daí. No caso de comunidades sem esse recurso, é preciso instituir um local e um tempo para as primeiras aproximações. O trabalho psicológico não se oferece de imediato; antes, é preciso que a comunidade veja nele um instrumento para a realização de alguma de suas necessidades. Os grupos constituem-se à medida que um certo número de indivíduos reconhece-se em alguma temática. Então, é preciso favorecer uma troca de experiências que permita estabelecer um 'mínimo denominador comum' de aspirações passíveis de serem supridas por meio de um trabalho grupal.
- Em segundo lugar, é preciso estabelecer um 'enquadre' para o grupo. Tendo elegido um tema de interesse geral, o coordenador propõe um tempo e um local para discutir tal assunto. A duração pode ou não ser estabelecida *a priori*. Da mesma forma, pode-se convencionar um pagamento ao coordenador por seu trabalho. Os participantes comprometem-se com sua presença ativa.
- Qualquer que haja sido o tema escolhido, sempre existe uma temática subjacente: as necessidades psicológicas e sociais dos participantes. O coordenador deve, desde o início do trabalho, ir desvendando a 'tarefa latente' do grupo. Seu trabalho é o de explicitação dos conteúdos, encobertos ou deformados, que vão surgindo na dinâmica grupal. Estes

conteúdos tanto dizem respeito aos conflitos psicológicos e inter-pessoais quanto às representações ideológicas que a textura institucional reproduz nos grupos.

- Atua-se na dinâmica do grupo para ir desvendando a estrutura inconsciente com sua rede de papéis. Explicita-se e demonstra-se o sistema de comunicação adotado pelo grupo. Apontam-se os obstáculos que impedem a participação e a tomada conjunta de decisões. Rompem-se os estereótipos que impedem a percepção e a aprendizagem. Busca-se favorecer a flexibilidade, a iniciativa e a mudança de atitudes. Desenvolve-se uma estrutura grupal maleável, aberta à participação de todos os integrantes e passível de transformações. O processo grupal deve desenrolar-se integrando progressivamente todos os membros do grupo a um projeto comum de auxílio recíproco na solução dos problemas da existência concreta.
- Ao final do processo, ajuda-se o grupo a tornar-se independente da coordenação do trabalho. O grupo deve torna-se capaz de se auto-gerir e decidir autonomamente o seu destino, suas lutas, suas tarefas e seus projetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACH, G.R. - *Psicoterapia intensiva de grupo*. Buenos Aires: Hormé, 1958.

BERNARD, M., PUGET, J., KORDON, D., SEGOVIANO, M. *Desarrollos sobre Grupalidad*. Buenos Aires: Lugar, 1995

BION, W.R. - *Experiências com Grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

FOULKES, S.H. e ANTHONY, E.J. - *Psicoterapia de grupo: a abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: BUP, 1967.

- FREUD, S. - *Psicologia de las Masas y Análisis del Yo* (1921). In: FREUD, S. - Obras Completas, Trad. D. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Tres Tomos, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.
- FREUD, S. – *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, in: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, Vol XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- FREUD, S. – *Totem e Tabu*. in: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, Vol XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GUATTARI, F. - *Psicoanálisis y Transversalidad*. Trad. F.H. Azgurra. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.
- KÄES, R. - *El aparato psíquico grupal*. Barcelona: Granica, 1976.
- LAPASSADE, G. - *Grupos, Organizações e Instituições*. Trad. H. A. Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LOURAU, R., GAVARINI, G., SAVOYE, S. & LAPASSADE, G. – *Sócioanálisis y Análisis Institucional*. Trad. V. Goldstein. México: Nueva Imagen, 1977.
- LOURAU, L. - *A Análise Institucional*. Trad. M. Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- PICHON-RIVIÈRE, E. - *El proceso grupal*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1975.
- SEGOVIANO, M. & KORDON, D. - “Identificación, identidad y grupo”. In: BERNARD, M. et al., *Desarrollos sobre Grupalidad*. Buenos Aires: Lugar, 1995.